

Entrevista – Graças Caldas

“Os cursos de graduação têm ampliado as disciplinas ligadas ao Jornalismo Científico”

por ANA PAULA MACHADO VELHO



Essa conversa com a professora Graça Caldas aconteceu em Maringá, e foi foco de uma reportagem veiculada na Rádio UEM-FM. Desde 1997, Graça é professora-pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). É líder do Grupo de Pesquisa do CNPq “Comunicação Científica, Mídia e Poder”, e professora-pesquisadora do curso Lato Sensu de Jornalismo Científico do Labjor/UNICAMP.

RÁDIO UEM-FM: *Como é a formação do jornalista científico no País? Com a suspensão do diploma fica mais difícil garantir a preparação destes profissionais?*

GRAÇA CALDAS: A cobertura ampla da ciência e tecnologia a gente nunca vai conseguir. Mas acho que melhorou muito nos últimos anos, independente da formação de jornalistas na graduação. Acredito que isso se deu, em princípio, num processo de formação autodidata. Os jornalistas começaram a se integrar com os pesquisadores para conseguirem uma formação mais qualificada. Atualmente, alguns cursos de graduação têm ampliado as disciplinas ligadas ao Jornalismo Científico. Além disso, tem um mercado crescente, da mídia segmentada, das assessorias de comunicação das universidades e instituições de pesquisa e também nas secretarias de Ciência e Tecnologia. Eu acredito que o mercado melhorou muito e automaticamente há uma nova demanda para a formação. A Unicamp tem, inclusive, um curso de especialização. Lá temos a preocupação

de que o jornalista não seja um mero reproduzidor da informação científica, mas também um intérprete dos acontecimentos. É papel do jornalismo científico pensar a política científica do País para que não seja colocado numa situação difícil pelo pesquisador, que muitas vezes está ávido pela divulgação.

RÁDIO UEM-FM: *O profissional precisa ter condições de avaliar o que está sendo apresentado a ele?*

GRAÇAS CALDAS: É, antes de mais nada, o jornalista de qualquer área tem que ter cultura geral. Do jornalista científico se exige mais ainda. Ele precisa estar atento ao que é divulgado sobre ciência e tecnologia hoje. Precisa estar *linkado* às publicações do Ministério da Ciência e Tecnologia, ao que diz a SBPC [Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência]. Como ele vai entrevistar um pesquisador e fazer questões pertinentes se ele não tem informação. Porque, hoje em dia, não tem mais o sim e o não. Não é o outro lado. Existem múltiplos lados sobre uma questão. Basta ver as discussões em torno dos transgênicos, da energia nuclear. Vários grupos de pesquisadores pensam de maneira diferente. Como, então, o jornalista vai escolher como ele vai se posicionar em relação a determinado assunto, para esclarecer a sociedade. Ele precisa de informação. Ele precisa ajudar a construir um posicionamento e, com isso, contribuir para o sucesso da pesquisa científica no País.

126

RÁDIO UEM-FM: *Como vem funcionando esse relacionamento Universidade e mídia?*

GRAÇAS CALDAS: Também tem melhorado muito. O cientista mais velho, durante muito tempo, achou que não tinha que divulgar para a opinião pública o seu trabalho. Mas, na verdade, os pesquisadores das instituições públicas vivem com dinheiro dos impostos que nós pagamos. Nós jornalistas e a sociedade em geral. Então, o cientista deve explicações do seu trabalho à sociedade. Por isso, é necessário ter uma assessoria de comunicação forte para trabalhar em parceria com esse pesquisador para mostrar para as pessoas não apenas o resultado da pesquisa, mas todo o processo que levou a uma descoberta, a uma tecnologia. É preciso mostrar a

qualidade dele, a pertinência dela para a sociedade. Porque a pesquisa está sempre contextualizada num momento histórico. Ele é influenciado pelos interesses da sociedade. Assim, é papel também do jornalista perceber e apresentar à sociedade esses aspectos, fundamentais.

RÁDIO UEM-FM: *Como está o mercado para o jornalista científico?*

GRAÇAS CALDAS: Também tem ampliado. Eu sou otimista, porque a gente não pode pensar em mercado apenas no âmbito do que nós chamamos de mídia convencional: emissoras de televisão, rádio, jornais e revistas... Nós temos que pensar nos segmentos que se abrem na área de saúde, na área de tecnologia, na área de inovação. Estão surgindo revistas de inovação, revistas com a filosofia voltada para a divulgação científica que são editadas pelas próprias instituições de pesquisa. É um mercado muito amplo. Então, o graduado em Jornalismo não deve se preocupar com a questão do diploma. Nos Estados Unidos, 80% dos profissionais que estão no mercado têm formação universitária e lá o diploma não é exigido. Mas também defendo que profissionais de outras áreas do conhecimento – biólogos, físicos, geógrafos -, que queiram participar da divulgação científica, façam mestrado profissional ou uma especialização de dois anos, para entenderem que fazer divulgação da ciência não é só saber escrever bem. É preciso pensar sobre as políticas de comunicação para que o jornalismo possa contribuir com um desenvolvimento sustentável do planeta. Quem quiser conhecer mais sobre esta questão deve saber que a Associação Brasileira de Jornalismo Científico, da qual eu sou diretora acadêmica, junto com a Fapemig [Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de Minas Gerais] promoveu o décimo primeiro congresso, onde foi lançado o livro *Jornalismo Científico: para um desenvolvimento sustentável*.

RÁDIO UEM-FM: *A sociedade está pronta para receber essa informação, professora?*

GRAÇAS CALDAS: Em 1987, o Ministério da Ciência e Tecnologia, com o apoio do instituto Gallup, fez a primeira pesquisa

nacional sobre a área. Já naquela ocasião, havia preocupação, as pessoas demonstravam interesse sobre ciência e tecnologia, mas demonstravam conhecer pouco sobre isso. Vinte anos depois, o departamento de Popularização da Ciência do Ministério fez uma nova pesquisa contratando o LabJor, da Unicamp. Mais uma vez foi demonstrado esse interesse da sociedade, mas as pessoas continuam não entendendo muito bem o papel da ciência e tecnologia. E eu acho que isso significa um recado importante para os jornalistas, para nós pesquisadores. Precisamos falar para o público em geral, de uma maneira acessível. Mostrar que ciência é importante para nosso cotidiano, para a melhoria da nossa qualidade de vida. Precisamos colocar a ciência na cabeça das pessoas e das crianças, de maneira particular. 